



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 379-414

Um corpo que é meu, um corpo que é seu: a vivência da
bissexualidade de mulheres sob o viés Fenomenológico-existencial

A body that is mine, a body that is yours: the experience of
women's bisexuality under the phenomenological-existential bias

Tayná Santos de Souza

Luziane Vitoriano da Costa

Dacir Martins de Castro

Gabriel Vitor Melo Rocha

Resumo

O movimento bissexual vem conquistando espaço resultante de reivindicações de movimentos sociais que lutam constantemente na busca por visibilidade e direitos. Todavia, há estudos que revelam que pessoas bissexuais frequentemente enfrentam consequências comportamentais, clínicas e psicossociais oriundas do isolamento e marginalização, referentes à sua autodeclaração e vivência como pessoa bissexual, tanto por parte de indivíduos/comunidades heterossexuais quanto dos homossexuais. Esta pesquisa teve o intuito de compreender os sentidos e a pluridimensionalidade dos atravessamentos existenciais na vivência da bissexualidade nos discursos de mulheres sob a ótica da fenomenologia-existencial de Maurice Merleau-Ponty. Para tal finalidade, foi realizada a entrevista fenomenológica com 4 mulheres autodeclaradas bissexuais. Utilizou-se os princípios do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi para análise e categorização das entrevistas, originando as seguintes temáticas: a) A percepção do eu, por mim, através do olhar para o outro; b) Invalidação, estigmas, estereótipos e o preconceito: a gênese da bifobia; e c) Bissexualidades e a representatividade na contemporaneidade: expressão e identificação. Conclui-se que tais atravessamentos destacam desde a gênese do sentimento, da dúvida à certeza de si e do seu próprio querer, até o perceber-se através do olhar próprio para o outro, proporcionando o sentir antes da compreensão do que viria ser o movimento dessa construção de sua identidade sexual.

Palavras-chave: Bissexualidade; Corporeidade; Fenomenologia-existencial.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Abstract

The bisexual movement has been conquering space as a result of the claims of social movements that constantly struggle in the search for visibility and rights. However, there are studies that reveal that bisexual people often face behavioral, clinical and psychosocial consequences arising from isolation and marginalization, referring to their self-declaration and experience as a bisexual person, both by heterosexual and homosexual individuals/communities. This research aimed to understand the meanings and pluridimensionality of existential crossings in the experience of bisexuality in women's discourses from the perspective of Maurice Merleau-Ponty's existential-phenomenology. For this purpose, a phenomenological interview was carried out with 4 self-declared bisexual women. The principles of the Phenomenological Method of Investigation in Psychology by Amedeo Giorgi were used for analysis and categorization of the interviews, originating the following themes: a) The perception of the self, by me, through looking at the other; b) Invalidation, stigmas, stereotypes and prejudice: the genesis of biphobia; and c) Bisexuality and representativeness in contemporary times: expression and identification. It is concluded that such crossings stand out from the genesis of the feeling, from doubt to the certainty of oneself and one's own will, to perceiving oneself through one's own look at the other, providing the feeling before the understanding of what would become the movement the construction of their sexual identity.

Keywords: Bisexuality; Corporeity; Existential-phenomenology.

Introdução

Quando pensamos no contexto contemporâneo, considerando a cultura na qual estamos inseridos e ainda que não seja necessariamente uma temática atual, podemos observar um aumento da visibilidade dos discursos e debates no que se refere às questões que envolvem a sexualidade humana em diversos âmbitos sociais, conquanto, paralelo a este fato, e assim como Façanha et al. (2021) expõem, esta ainda é encarada como tabu no desenvolvimento da humanidade.

A sexualidade configura diversos aspectos do indivíduo e, em consequente, da humanidade. Para além da noção de meio



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

reprodutivo, está conectada à vida e vivências individuais e sociais, compreensão intrínseca do ser, do reconhecer e apresentar, englobando diversos aspectos da construção e desenvolvimento do ser humano. Ao mesmo tempo em que é algo tão singular e pessoal de cada indivíduo, também se faz plural e social em muitos contextos, inclusive quando consideramos que por vezes formam-se grupos e subgrupos através da identificação e reconhecimento entre si, em busca comumente de compreensão, acolhimento e suporte para com seus iguais, como o caso do movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e mais (LGBTQIAPN+), que está presente em todo mundo e é grande representante da diversidade, buscando visibilidade, promovendo a inclusão dessas pessoas e lutando constantemente contra discriminação e violação de direitos.

Dentro desta esfera, o movimento bissexual, de acordo com Ciasca et al. (2021), vem conquistando espaço resultante de reivindicações de movimentos sociais que lutam constantemente na busca por visibilidade e direitos. Contudo, os autores também ressaltam a existência de estudos que revelam que pessoas bissexuais frequentemente enfrentam consequências comportamentais, clínicas e psicossociais oriundas do isolamento e marginalização, tanto por parte de indivíduos/comunidades heterossexuais quanto dos homossexuais.

Conforme Carvalho e Barreto (2021) relatam, consoante ao que será exposto nesta presente pesquisa, que falar a respeito de pessoas LGBTQIAPN+ é atravessar uma diversidade de intersecções das esferas relacionadas à sexualidade, sexo e gênero. Ao considerar as sexualidades dissidentes, ou seja, aquelas que divergem do que é esperado dentro de um padrão de sociedade cis-heteronormativo,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

podemos recordar uma pluralidade de comportamentos diferentes do esperado por essa sociedade.

Considerando os pontos aqui levantados, a presente pesquisa de campo de caráter qualitativo, descritivo e exploratório, visa compreender os sentidos e a pluridimensionalidade dos atravessamentos existenciais na vivência da bissexualidade nos discursos de mulheres e, para tal finalidade, foi realizada a entrevista fenomenológica audiogravada de maneira online com 4 mulheres autodeclaradas bissexuais, com idade superior a 18 anos, onde utilizou-se os princípios do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi, no intento de compreender o outro em suas próprias vivências, tendo em conta que o discurso também atravessa esta experiência.

A pesquisa em questão partiu da seguinte questão norteadora: *“Como tem sido a sua vivência como uma mulher bissexual?”*, com a finalidade de compreender os sentidos atribuídos por estas mulheres bissexuais acerca dessa existência através de suas vivências, tendo em conta que o discurso também atravessa esta experiência, destacou-se pontos nos relatos das participantes a partir dos quais foram levantadas três categorias de análise: a) A percepção do eu, por mim, através do olhar para o outro; b) Invalidação, estigmas, estereótipos e o preconceito: a gênese da bifobia; e c) Bissexualidades e a representatividade na contemporaneidade: expressão e identificação.

A emergência das circunstâncias aqui expostas nos incube enquanto profissionais, acadêmicos e pesquisadores do âmbito da psicologia, o comprometimento no auxílio para a reversão dessa situação, especialmente quando consideramos os princípios fundamentais regulamentados pelo Código de Ética Profissional do



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Psicólogo (CEPP). É justo que busquemos inteirar-nos dos conceitos, características, ideais, atitudes, entre outros atributos do âmbito de gênero e sexualidade. E, portanto, também propiciar espaço para reflexão acerca das experiências e vivências de pessoas bissexuais, contribuindo com a ampliação de conhecimento acerca da pluridimensionalidade da bissexualidade, as problemáticas mencionadas anteriormente nos levam a considerar a relevância social deste tópico de pesquisa, tal tema se faz importante ao salientarmos a diversidade de conhecimentos necessários para a compreensão do fenômeno ser-humano dentro dessa esfera, enfatizando as vivências de mulheres que se autointitulam bissexuais, uma vez que a sexualidade é parte importantíssima da construção e vivência de um indivíduo.

Material e Método

Trata-se de um estudo qualitativo cujo objetivo é compreender os sentidos e a pluridimensionalidade dos atravessamentos existenciais na vivência da bissexualidade nos discursos de mulheres. Preocupa-se, portanto, com questões da realidade que não são medidos e compreende que os valores, as representações, os hábitos, as crenças, as opiniões e as atitudes adaptam-se e aprofundam-se no imbricamento dos fenômenos (Minayo, 2015; Castro, 2019).

Nesse propósito, foram utilizados os princípios do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia, proposto por Amedeo Giorgi (2010), com a finalidade de compreender o outro em suas próprias vivências. O método fenomenológico de pesquisa, conforme apontam Giorgi e Sousa (2010), é constituído por uma componente descritiva e configurado pelos seguintes passos: 1) constitui-se na obtenção das descrições de outros sujeitos; 2) a redução



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

fenomenológica-psicológica foi realizada (*epoché*), isto é, houve a suspensão da atitude natural, das ideias pré-concebidas, julgamentos morais e crenças; 3): a análise eidética foi utilizada – variação livre imaginativa.

Como instrumento de pesquisa foi utilizada a Entrevista Fenomenológica que, segundo Paula et al. (2014), intenta obter as descrições das vivências dos participantes com a finalidade de aproximar-se do mundo de vida destes, bem como da sua percepção acerca do significado do fenômeno descrito, através da compreensão do movimento partindo de uma investigação fenomenológica. Dessa maneira, para este estudo partiu da seguinte questão norteadora: *“Como tem sido a sua vivência como uma mulher bissexual?”*.

Cabe salientar que este estudo teve o respaldo ético vinculado à pesquisa geradora dos dados com aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Nilton Lins (CUNL), sob CAAE nº 61392022.8.0000. 5015. Com o objetivo de assegurar o anonimato das participantes, os seus nomes foram substituídos por nomes escolhidos por elas, são eles:

Pagu: Mulher-cis de 27 anos, autodeclarada bissexual, que é discente do curso de psicologia. Para Pagu se perceber enquanto uma mulher bissexual foi como explorar um universo dentro de si própria com auxílio de outrem, ela relata que hoje consegue se acolher e buscar compreensão primeiramente no próprio sentimento, para depois olhar em volta e se perceber, se permitir.

Sae: Mulher-cis de 23 anos, autodeclarada bissexual, atualmente discente finalista do curso de psicologia. Ao falar das vivências e do seu cotidiano, Sae sente-se orgulhosa de quem é, sendo abertamente bissexual, e não tem medo ou receios em declarar-se dessa forma.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Joplin: Mulher-cis de 29 anos, autodeclarada bissexual, que trabalha com tecnologia da informação. Entre muitos desdobramentos que suas vivências acarretaram para si, tanto na esfera da sexualidade quanto nos demais âmbitos do seu existir, hoje relata conseguir se compreender melhor, se aceitar e se ver com olhos acolhedores.

Lírio: Mulher-cis de 22 anos, autodeclarada bissexual, que trabalha auxiliando a administrar os negócios da sua família e é discente do curso de psicologia. Atualmente Lírio compreende bem o que quer, seus sentimentos e desejos, estando muito segura de sua sexualidade e se permitindo vivenciar suas próprias escolhas.

Resultados e Discussões

A seguir se apresentará a compreensão da temática, com base nos dados coletados, através das entrevistas fenomenológicas realizadas com mulheres que se autodeclararam bissexuais. Os resultados da pesquisa foram levantados conforme a maneira como os discursos relacionaram-se e diferiram entre si, colocando-os em diálogo com a literatura existente sobre a temática da pesquisa, compondo associações ou paradoxos segundo investigações anteriores.

A descritiva dos dados na entrevista fenomenológica trouxe desdobramentos no processo de reconhecimento da bissexualidade, como ocorrem as relações com o âmbito familiar e de amigos, o reconhecimento e a compreensão de si através da compreensão do outro, a sexualidade no mundo vivido, os estigmas vivenciados pelo preconceito enraizado na sociedade e na comunidade etc., que serão expostos nas categorias a seguir.



A. A percepção do eu, por mim, através do olhar para o outro.

Esta categoria abrangeu, através do conteúdo descrito nos relatos das participantes, as vivências referentes ao processo de “descoberta”, o compreender da bissexualidade enquanto orientação sexual e as experiências afetivas.

Nesse íterim, as participantes relataram as vivências das relações afetivas, desde a primeira infância e adolescência, como um ponto inicial. Conforme os relatos a seguir, é possível identificar que as participantes, ao recordar-se do seu processo de “descoberta”, lembraram-se sempre desse primeiro contato com uma outra mulher, seja ele pessoal ou impessoal, que as fizeram sentir de maneira diferente e perceber a possibilidade das sexualidades dissidentes. Como disse Pagu:

Quando eu conheci aquela menina eu sabia que tinha alguma coisa diferente comigo, não entendia muito bem na época, mas eu sentia no meu coração e ela me atraía muito. Foi observando ela que eu percebi que sim, era possível que, além dos meninos, eu também gostasse mesmo de meninas (Pagu).

Pode-se notar que a percepção quanto ao destoar da esfera heterossexual esperada de acordo com os pressupostos da sociedade sobre sexualidade, apesar de iniciar nos nossos próprios sentidos, se dá através do olhar para o outro, da percepção de nós mesmos ao contato com o mundo de outro, que também é nosso, e nos possibilita a compreensão desse eu, e ocorre em concomitância.

Nos discursos se destacam que o desvelamento da sexualidade diz respeito à própria percepção corporal acerca da percepção que tenho do outro, a existência desse outro e as sensações que percebo de mim pelo contato com ele, e isso se dá de maneira simultânea e,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

neste quesito, buscando a fenomenologia de Merleau-Ponty segundo Lima (2014), relembramos que essa percepção não ocorre através de uma percepção menos ou mais realista desse objeto, e sim com a própria formação do sentido desse objeto. A percepção não ocorre por esses objetos sobre nós, nem pelo nosso corpo sobre eles, é a relação entre nós, simultaneamente, ou seja, a possibilidade de relação e compreensão porque ambos são corpos e corporais atuando no centro de uma perspectiva.

Joplin relata sobre seu primeiro interesse real em uma mulher, quando ela já compreendia a natureza desse gostar, porém não havia compreensão acerca da orientação sexual, onde disse: “havia uma menina na sala da minha irmã por quem eu era apaixonada, mas eu nunca falava para ninguém porque eu era muito tímida [...] E, assim, eu não sabia o que eu queria naquele tempo”.

Esse entendimento de si sobre sua sexualidade, dentro dos discursos, também enfatizou uma compreensão dos sentidos antes dos significados, como quando Lírio narrou: “Na primeira vez que eu fiquei com uma mulher foi com uma amiga minha, nós éramos bem próximas, e eu fiquei me perguntando se aquilo era porque era ela ou se era por ser mulher, se ela ser mulher fazia diferença”, podemos ver também na fala de Pagu:

Quando eu me vi gostando de meninas também eu não conseguia entender o que eu era, porque sabia que me atraía por meninos, então não poderia ser lésbica, mas eu gostava e me atraía por aquela menina também, então como poderia ser hétero? Eu simplesmente não sabia o que eu era, só sabia que o que eu sentia era real, eu gostava dos dois, realmente gostava dos dois (Pagu).

Como cita Warmling (2016), para Merleau-Ponty a sexualidade é regida por uma compreensão, que não necessariamente é parte de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

uma consciência ou entendimento, e sim, enquanto desejo, é uma intencionalidade que faz parte e acompanha o sentido da existência, ligando um corpo a outro nesse movimento.

O autor supracitado refere ainda que, para Merleau-Ponty, a sexualidade é, sobretudo, uma maneira de ser no mundo, se tratando primordialmente de saber o que se entende por sexualidade. Sobre a bissexualidade, Silva e Junior (2020) destacam que é compreendida como a atração, afetiva e/ou sexual, do indivíduo por ambos os sexos, percebendo nisso a possibilidade de realização do desejo. Entretanto, aqui enfatizamos a ressignificação do termo, uma vez que a bissexualidade escapa de uma naturalização da transfobia velada e se coloca para além da dicotomia do “isso ou aquilo”, como Sae reforça em seu discurso sobre o que é ser bissexual:

Eu acho que é algo muito profundo, não consigo me ver gostando só de homem ou só de mulher, e é bem complexo essa pluralidade, e não falo só homens e mulheres cis, também me vejo atraída por homens e mulheres trans, e eu falo tudo isso sem nenhuma dúvida, porque antes a bissexualidade era vista dessa forma transfóbica, por isso normalmente tem essas questões, mas eu me vejo totalmente a parte disso, é aquilo de ir muito pela essência da pessoa (Sae).

As falas das participantes evidenciaram que, nessas vivências afetivas das descobertas, essas relações estavam como objeto inerente a si, pertencente na historicidade de maneira natural, não opcional, a partir dessa percepção acerca de si, seus sentidos e desejos, no movimento que tange o eu e o outro.

Alberto (2018) destaca que, para muitas mulheres e homens que se autointitulam bissexuais, essa identificação e compreensão de si como tal retrata, em primeiro lugar, a sua atração sexual, os seus



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sentimentos ou a capacidade de se apaixonar por um homem, uma mulher ou pelos dois, ainda que esses sentimentos sejam expressos a partir de comportamentos sexuais e da força destes frente ao outro. Conquanto, para algumas dessas pessoas, que se identificam e autoproclamam como bissexuais, a simples capacidade de se perceber e sentir atraídas por homens ou mulheres é o suficiente para se identificar com uma identidade bissexual, tal como exposto no relato da Sae:

Eu nunca tive experiências com outras mulheres, já tive atração. Não só atração, por exemplo, por mulheres famosas, que normalmente eu tenho, mas também pelos meus contatos que tenho pessoalmente e já tive alguns "crushes", mas eu nunca tive um relacionamento com uma mulher [...] eu sei o que eu sou por entender e sentir atração mesmo (Sae).

Dessa forma, foi possível identificar que aqui os depoimentos nos aludem a perspectiva das participantes acerca do seu próprio reconhecimento que, para elas, já estava fora da esfera da heterossexualidade, entretanto, há um tardio na identificação da própria orientação sexual, visto que esse indivíduo, por muitas vezes, se vê preso entre a dicotomia homo-hétero, ocasionando na dúvida do seu eu, no questionamento das próprias vontades, do próprio querer, ainda que possua conhecimento acerca da temática, como exposto na fala de Sae: “E eu, pensando assim, já tinha essa noção que a sexualidade é bem fluída, então poderia ser que só fosse um momento onde tive esse insight e futuramente não viria a ser”, se vê em um impasse do ser ou não ser, se ver em uma fase da existência ou na própria existência.

Sobre esse impasse, Joplin também pontuou: “até certo ponto da minha vida eu achava que aquilo era fase ou era uma curiosidade e, quando me atingiu certa idade e maior maturidade, eu realmente vi que



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

é isso que eu sou, uma mulher bissexual”. Souza et al. (2022) afirmam ser possível refletir que, ainda que tenham aumentado significativamente os movimentos de gênero e sexualidade nos últimos tempos, o corpo bissexual ainda é contestado, de maneira direta e indireta, a respeito do seu papel na esfera social, principalmente no que se refere às normas de gênero dominantes culturalmente. Arriscamos dizer que a contestação está presente no mundo, no movimento do eu e do outro, inclusive da compreensão acerca de nós mesmos.

Em *Fenomenologia da Percepção* (1999), Merleau-Ponty afirma que nós re-aprendemos a sentir nosso corpo, re-encontramos o saber que temos dele, por estarmos neste e sermos esse corpo, da mesma maneira, é necessário despertar a experiência do mundo vivido assim como o compreendemos enquanto estamos neste mundo através do nosso corpo, enquanto o percebemos com nosso corpo, ele “é sempre outra coisa que aquilo que ele é, sempre sexualidade ao mesmo tempo que liberdade, enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado (Merleau-Ponty, 1999, p. 278).”

Merleau-Ponty (1999) salienta a teoria da percepção originada na experiência do sujeito encarnado, que sente e que olha, nessa experiência do corpo fenomenal e, sob este, podemos correlacionar, além do corpo, do outro e da afetividade, o mundo da cultura e das relações sociais.

Acerca das relações familiares/sociais e a descoberta: entre angústia do assumir e o alívio do acolhimento.

Nesta categoria abordaremos o contexto familiar, bem como o âmbito das relações sociais, como possíveis proporcionadores de espaço de acolhida e compreensão para as vivências e existências.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Nos discursos relacionados à família, identificou-se que, a princípio, o enfoque se dá no momento do “assumir”, sendo em maioria a respeito do medo de falar e se expressar.

Eu demorei para falar porque eu senti muito medo, fiquei muito ansiosa, duvidei de mim mesma (Lírio).

Até hoje nunca falei abertamente com meus pais sobre isso, no passado eu chorei muito por conta disso, tinha medo do que poderia acontecer, medo do que meu pai iria falar, se ele iria me odiar, eu não queria decepcionar, nunca quis (Pagu).

O momento de revelar parte integrante do eu para esse outro se torna gênese de sofrimento na existência. O medo da perda de relações significativas perpassa desde a culpa de ser e existir, até a inquietude de não poder ser eu autêntico, como explicitado por Pagu: “eu queria contar, eu queria poder trazer a garota que eu gostava e apresentar para eles, queria que eles me conhecessem de verdade, mas isso nunca aconteceu”.

Longhitano e Bortolozzi (2022) destacam que costuma-se pensar a sexualidade como um fenômeno humano integrante dos aspectos de um corpo que vive em dada cultura, sociedade e história, assim sendo, se desconsiderarmos as contingências nas quais essas pessoas estão inseridas, essa sexualidade não pode ser compreendida em sua totalidade. Silva e Junior (2020) afirmam que “sair do armário” para o bissexual se apresenta de forma mais complicada do que o esperado, uma vez que estes acabam sendo criticados por diversas esferas, inclusive dentro da comunidade que representa as sexualidades dissidentes.

Deste modo, conseguimos identificar aqui uma problemática referente a tornar essa orientação sexual em algo público, ainda que seja para alguém com quem poderá se relacionar, ou para os mais



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

próximos de si, em razão da existência de receios acerca da possibilidade de não aceitação dessa revelação, do prejuízo e da perda. Como podemos ver na fala de Joplin:

Minha mãe que é ultra-preconceituosa comigo, ela é do tipo de pessoa que todo mundo pode ser menos eu [...] agora eu fico pensando que, se eu fosse me assumir, fico pensando nas hipóteses da época que eu tinha 15/16 anos, se eu fosse me assumir para a minha família naquele tempo eu nem moraria com eles hoje em dia, provavelmente minha vida seria totalmente diferente do que eu vivo agora (Joplin).

Souza et al. (2022) colocam que, nesse contexto conflituoso, emergem os obstáculos ante a aceitação sobre o seu próprio ser enquanto um ser dotado de potencialidades, bem como expõe que, para além da insegurança, tal contexto desencadeia sentimentos como vergonha, culpa e medo, que seguem como um mecanismo de defesa utilizadas por essas pessoas que vivenciam essa insegurança nestes ambientes hostis.

O prejuízo desse contexto é eminente uma vez que podemos observar o contrário deste como propulsor de um movimento satisfatório nessa existência, uma vez que para esse ser corpóreo é proporcionado um espaço para que este se desvele e experiencie. Por exemplo, para Sae, a experiência de “revelar-se” como uma mulher bissexual não fugiu de seu cotidiano, uma vez que ela possuía tal espaço dentro das suas relações familiares:

É engraçado porque às vezes eu tenho que lembrar para a minha mãe que eu sou bi. Lembro que teve um dia que eu falei assim: “mãe, você sabe que eu sou bi, né?”, e aí ela: “sério?”, em um tom engraçado, e tiveram outras oportunidades que eu falei o mesmo para a minha mãe [...] a minha mãe é super tranquila com isso, ela



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nunca me restringiu de alguma forma, meu pai também é super tranquilo, tanto que eu me senti confortável de me assumir da forma mais superficial possível, não teve nenhum momento assim: “mãe, bora aqui no quarto que eu quero falar uma coisa”, foi super natural (Sae).

O reconhecer-se enquanto bissexual se mostra como um processo que é acometido por diversos preconceitos e, as bissexualidades e suas práticas, tanto no âmbito público quanto no privado, precisam ser mais bem compreendidas. Sobre ser-no-mundo-social, Davi e Santana (2021) afirmam que, para Merleau-Ponty, é trazer o aprendizado e aquilo que compartilhamos com nossos pares para nossas vivências. Tal conceito nos remete ao âmbito social das amizades que, nos discursos das participantes, em sua maioria foram postos como lugar de identificação, compreensão e suporte.

Na faculdade eu comecei a ver mais pessoas que se relacionam dessa forma também, de mulheres com mulheres e homens com homens, então eu já tinha um local de fala também, aí rolou uma identificação e eu já me senti melhor representada também, tipo, “não sou só eu!” (Lírio).

Lírio destaca o seu processo de reconhecimento com os pares e o quanto tal contexto auxiliou na compreensão de si própria, dessa forma, enfatizando essa experiência perceptiva do mundo. Conforme Alkimim (2016) afirma, com base na afirmação de Merleau-Ponty a respeito destas experiências, as nossas vivências no mundo e com os objetos desse mundo integram um todo onde cada objeto, em sua peculiaridade, é visto também como algo pertencente a essa totalidade.

Deste modo, a maneira como esse objeto é percebido tem relação com o fato deste ser afetado tal qual os outros objetos, em sua



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

relação simultânea com estes, do mundo e no mundo. Assim como Joplin salientou em suas vivências:

Quando me assumi para o meu ex-chefe eu senti um acolhimento deles, e depois em outros lugares que trabalhei também, onde tinham muitas pessoas LGBT's ali no meio e eu conheci pessoas com quem pude compartilhar de um sentimento de acolhimento e das experiências, de tudo (Joplin).

Pagu também explicita a importância das relações sociais para o seu autoconhecimento, para a compreensão desse movimento involuntário do corpo e para a descoberta de suas possibilidades: “Eu vivi um tempo estranho, onde eu não era eu, mas depois eu encontrei umas pessoas incríveis que me mostraram que tá tudo bem ser eu. Encontrei amigos que me ensinaram a me buscar, me entender, encontrei uma menina que me mostrou o mundo dela refletido no meu. Hoje em dia uns já não estão comigo, outros seguem firmes, e eu continuo sendo eu, tendo muitas partes deles”.

Assim, as questões acima nos levam à composição da identidade, da identificação, do ser e agir, das experiências com o outro e com o mundo, que também é o nosso mundo, e é o lugar do movimento e das construções. E, trazendo para o âmbito familiar, como primordial construtor, pode vir a ser um lugar seguro e acolhedor, entretanto, também pode estar na posição de causador principal de sofrimento.

Sobre tais desdobramentos pontuamos acerca das relações entre o ser-bissexual e a saúde mental, uma vez que, através dos relatos das participantes, estes apresentaram-se principalmente nas percepções acerca das dificuldades da relação social-familiar, atenuadas pela vivência da bissexualidade de forma aberta ou não, que podem ou não impactar na saúde mental, contudo, notou-se



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

também que estas possuem no geral boa compreensão acerca das situações vivenciadas e preocupação referente à manutenção dessa saúde mental.

Lírio, ao citar a relação por vezes conflituosa com a própria mãe, inclusive depois de assumir-se uma mulher bissexual para esta, onde se viu em um ambiente pouco hostil, mas que a acometia de sofrimento e dificultou por um tempo o seu processo de compreensão e aceitação acerca de si, relatou que buscou auxílio profissional, uma vez que compreendia a necessidade neste e naquele momento.

Hoje eu faço terapia, e acredito que se não fosse a terapia eu estaria muito pior, porque é difícil. Mas você ter um acompanhamento te auxilia em tudo, clareia a tua visão do que às vezes você não consegue enxergar sozinho, então, um dos pontos que eu mais sinto dificuldade é com a minha mãe, em diversos âmbitos da vida e principalmente nesse, porque minha mãe é uma figura de autoridade para mim e não é fácil, meu relacionamento com minha mãe me angustia de várias formas e me deixa muito ansiosa as vezes, muito estressada. Então, hoje eu faço terapia e foi a melhor escolha que eu fiz para mim (Lírio).

Relações familiares satisfatórias têm sido um ponto sensível para pessoas LGBTQIAPN+, como podemos conferir em diversas discussões, estudos e relatos. Como já citado anteriormente neste presente estudo, essas relações formam grande importância na vivência desse mundo.

Podemos perceber, através do relato da Sae, a relevância de tal espaço:

Como eu falei, graças a Deus eu nunca tive um problema dentro da minha família, porque para mim se minha família não me aceitasse seria punk, eu me sinto muito abraçada pela minha família, tanto



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que até brinco com minha mãe que não vou sair de casa até os 30 anos. Tem gente da minha família que já quer fugir de casa, porque é um ambiente totalmente insalubre, já na minha casa eu me sinto totalmente confortável com minha mãe e meu pai, com minhas irmãs, que eu sei que eles me aceitam, assim como as pessoas que estão próximas de mim, meus amigos (Sae).

O acolhimento exerce função primordial, sentir-se seguro para ser e existir, ser validado, ainda que não ache necessária essa validação por outrem, agrega sentido às vivências. A impossibilidade desse espaço propício ao acolhimento desse corpo tende a restringir a autenticidade dessa existência.

Através dos discursos das participantes identifica-se a relevância dessas relações descritas para uma saúde mental de qualidade. A propícia do espaço onde o ser corpóreo pode compartilhar sua percepção e seu desvelamento desse mundo vivenciado e descoberto, de maneira que ensina e aprende simultaneamente, e ainda é acolhido dentro de suas angústias e permitido estar nas suas subjetividades tende a garantir qualidade de vida para esse indivíduo, logo, melhor equilíbrio e compreensão acerca de suas faculdades mentais, seus sentimentos, seus desejos etc.

As escolhas feitas pelos indivíduos são realizadas partindo de um meio histórico e social em que este está inserido, dessa forma, às possibilidades ou as impossibilidades emergem, nos modos e nas alternativas de identidade e identificação. E, através de Lírio, o relato: “eu estava pensando sobre isso esses dias, que faz muita diferença você ter alguém com quem contar, alguém para te apoiar”.

Através do saber e dos discursos trazidos, e em concordância com Longhitano e Bortolozzi (2022), destaca-se ainda que a psicologia possui responsabilidade na oportunização do desvelamento e



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

descrição das bissexualidades, tratando-as como tema de pesquisa, levantando dados acerca dessa população, das vivências e dos atravessamentos, para que, deste modo, tenhamos a possibilidade de buscar estratégias para auxiliar esses indivíduos nas suas demandas, bem como lidar com o preconceito contra bissexuais.

B. Invalidação, estigmas, estereótipos e o preconceito: a gênese da bifobia.

Os processos de descoberta, compreensão, relação com o outro e consigo, etc., abarcam ainda a dura realidade exposta aqui e em diversos outros lugares: as invalidações, o preconceito, os estereótipos e outros tipos de violência contra a existência da pessoa bissexual. Nesta categoria, trataremos sobre isso.

Alberto (2018) relata que a temática da bissexualidade é, por várias vezes, marcada por opiniões errôneas negativas e preconceitos, que em muito contribuem para a marginalização dessas pessoas que se identificam como bissexuais.

Até hoje eu não entendo o porque do preconceito, porque foi algo construído socialmente há muito tempo, e a gente vive em uma sociedade machista demais, o que é horrível, e é muito difícil pelo fato de que as vezes a gente quer fazer alguma coisa, mas não podemos trazer para apresentar para a família porque a família tem muitos pensamentos diferentes, e a gente tem que pensar que não queremos machucar ninguém, mas se a gente trazer vai ser um desrespeito, ou vai ser encarado como uma afronta, quando na verdade a gente só quer ser livre, só quer viver como qualquer outra pessoa, porque não faz diferença, o preconceito está na cabeça de cada pessoa (Lírio).

Através da fala de Lírio podemos identificar o quanto essa marginalização interfere no cotidiano, a impossibilidade do ser-livre é a



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

causa do emergir do sofrimento. Vê-se que a vivência da sua bissexualidade requer dessas mulheres um manejo contínuo das suas relações sociais por conta de um aglomerado de estereótipos construídos acerca de sua identidade sexual, o que, infelizmente, perpassa as relações sociais.

Sempre quando eu penso em relação a ser bissexual, na minha família eu tenho muita dificuldade em relação a isso, ao preconceito [...] trazer uma mulher para casa, eu sendo uma mulher bissexual, não é a mesma coisa que trazer um homem para casa, já vi essa diferença, que o homem é muito mais bem visto, muito mais querido, pelo menos pela minha família, e com mulher já é tipo “trazendo uma mulher? Como assim? O que tá acontecendo?”, é diferente (Lírio).

Pagu também relata outras experiências acerca disto:

Às vezes parece que as pessoas não acreditam, como se nossa sexualidade não existisse. Se eu fico com um homem, sou hétero, se ficou com uma mulher, sou lésbica, e é sempre um questionamento: “ué, você não era gay?” ou “ué, agora é hétero?”, e eu sinto vontade de gritar na cara deles, porque o B está aí, exposto para todo mundo ver, e ele não é de Beyoncé! (Pagu).

Aqui, os discursos das participantes entregam diversos tipos de invalidação da bissexualidade. Sousa et al. (2022) relatam que essa deslegitimação é compreendida como a incapacidade de enxergar no outro a subjetividade deste, o que corrobora na construção de uma relação de apagamento dessa sexualidade. Sendo essa uma violência corriqueira, acaba por afetar a maneira de ser em todas as vivências dessas pessoas bissexuais no cotidiano, apresentando-se de diversas formas, elaborando aspectos que configuram a bifobia, termo referente ao processo de invisibilização e deslegitimação das experiências



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

bissexuais, o qual é usado para descrever as reações negativas de pessoas de outras orientações sexuais — como gays, lésbicas e heterossexuais — em relação às bissexualidades.

Jaeger et al. (2018) destacam que o uso da expressão “apagamento bissexual” tem funcionado para classificar a falta de reconhecimento das bissexualidades e à negação de sua existência nas sociedades. Reiteram ainda que é ainda comum as desconsiderações da existência das bissexualidades, ou ainda, colocá-las na posição de “uma fase” antes da pessoa se decidir entre ser hétero ou homossexual, e acaba sendo sempre esperado que, eventualmente, seja reivindicado um desses dos dois pontos dicotômicos.

Eu brinco que me acho muito padrão para ser bissexual, por conta desses vários estereótipos, e eu acho que qualquer pessoa que me visse, considerando essa questão do estereótipo, não falaria que eu sou uma mulher bissexual, fariam que eu sou uma mulher heterossexual, como muita gente fala e eu fico triste. Mas, é isso, vai além de estereótipos (Sae).

No relato da Sae podemos identificar outro estereótipo presente nas vivências da bissexualidade, entretanto, este perpassa a orientação. Categorizar a sexualidade de outrem através da redução desse ser apenas às expressões de gênero que expressa reforça o caráter cis-heteronormativo que perfura as sexualidades dissidentes. Pagu também traz alegações acerca disso:

Tem gente que me acha um meio termo, pelas minhas roupas e modo de ser, mas eu não curto muito ser reduzida a isso, acho que eu não sou só isso. Eu não me visto desse jeito por ser bissexual, é porque eu gosto. E às vezes acontece aquilo de “hoje você tá



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vestida de menina” ou “hoje você tá boyzinha” e, não, caramba, eu só estou vestida de mim (Pagu).

Ou seja, a expressão ou não expressão de gênero, identidade, de feminilidade e masculinidade, e o julgamento destes, como palco para invalidação do outro. Alberto (2018) coloca que, apesar de atualmente existir mais informação a respeito do estilo de vida das pessoas bissexuais, as bissexualidades ainda são estereotipadas através de diversos discursos comuns sobre essa sexualidade.

Alguns estudos destacam que, pessoas bissexuais vivências o preconceito tanto por parte de heterossexuais quanto por homossexuais: “nem sempre a mulher bissexual vai ser bem vista por lésbicas ou gays, muitas vezes eles nos veem como indecisas” (Joplin), dessa forma originando uma dupla discriminação da bissexualidade. E ainda, por muitas vezes, são vistas como indecisas, promíscuas, “portadoras e transportadoras” de doenças, entre outros.

Hoje em dia, eu não tenho problema em falar sobre a minha bissexualidade, obviamente eu tomo alguns cuidados com o meio que eu estou para não ficar falando o tempo todo, porque muita gente encara a bissexualidade como promiscuidade, coisa essa que é tão desnecessária, como se eu fosse chegar na rua e ver um casal heterossexual, me meter no meio deles e agarrar os dois, e não é assim que funciona (Joplin).

Os discursos corroboram a ideia acerca das práticas bissexuais, que durante muito tempo foram vistas, e ainda são, de forma estigmatizada e marginalizada, com a ilegitimidade das práticas sexuais, a infidelidade e a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis. A bissexualidade, considerada como confusa e indeterminada, quando não está sendo invisibilizada na binariedade e



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

na cultura cis-heteronormativa, é colocada como uma orientação sexual polêmica e duvidosa.

Joplin destaca tal situação, de quando relatou ao namorado sobre sua bissexualidade:

Ele falou que estava tudo bem, que era minha sexualidade e ele não poderia decidir por mim, mas depois disso ele passou a fetichizar, ele era muito novo e eu acho que na cabeça dele isso seria uma coisa interessante para autoconhecimento e essas coisas (Joplin).

E ainda:

Ele reforçava discursos de fetichização da bissexualidade muitas vezes, então nós brigamos, terminamos, e uns dois dias depois disso tudo eu acabei baixando o *Tinder*. Quando eu baixei o aplicativo apareceu mais nessa questão, porque muitos homens que vinham falar comigo por lá era só para saber se eu queria fazer ménage, se eu queria ficar com casais ou algo assim, sempre focando só nisso por causa da minha bissexualidade, isso foi para mim a gota d'água, [...] quando tu se vê nessa situação de gente deduzir que mulher bissexual só serve para isso, para suprir fetiche de homem, é ridículo, então eu só desisti porque pensei: “cara, minha sexualidade não me define como ser humano, então eu não vou me submeter a isso” (Joplin).

O relato acima retrata outra problemática dentro dos estigmas e estereótipos que atravessam a vivência da bissexualidade. Klidzio (2019) contribui através de sua percepção da banalização da bissexualidade quando atrelada ao fetichismo, principalmente de corpos femininos e, neste íterim, posiciona o machismo como peça principal na ocorrência desta fetichização, onde se constroem fantasias a fim de suprir os desejos masculinos. Tal problematização também se



encontra presente no discurso de Pagu: “algumas pessoas veem a gente como a realização de um fetiche, sexualizam, falam besteira e julgam, eu já ouvi absurdos que por um tempo me faziam ter receio de falar sobre minha sexualidade com alguém.”

Deste modo, compreende-se que, para sustentar uma identidade bissexual, é necessária uma transcendência à cultura, conforme Alberto (2018) destaca, se faz necessário a valorização da própria vivência, que exige independência e coragem, para enfrentar, por vezes, o preconceito e o isolamento. Considerando que nossas vivências terão sempre vários sentidos possíveis, Warmling (2016) destaca que, para a fenomenologia de Merleau-Ponty, a sexualidade é, dessa forma, um dos modos pelos quais, de maneira espontânea, o indivíduo toma posse do meio, e esta difunde-se mutuamente com a existência.

C. Bissexualidades e a representatividade na contemporaneidade: expressão e identificação.

Nessa categoria trataremos dos sentidos e movimentos que acompanham nosso acordo perceptivo da bissexualidade com o mundo, onde as sensações e representações aparecem associadas a estes movimentos geradores de possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais.

Os discursos a seguir retratam as opiniões das participantes referentes a representatividade da bissexualidade no contexto contemporâneo das mídias sociais, filmes, livros, seriados, arte e cultura pop no geral, e a maneira como elas veem, em questão de expressão de identificação e expressão do ser bissexual.

Sobre a representatividade, Sae traz sua compreensão:

É engraçado falar sobre isso porque eu me vejo mais em personagens que, na verdade, não são canonicamente bissexuais.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Porque, eu vejo assim, acho muito importante a representatividade, mas as vezes tem um personagem bissexual e acontece dele ter muitos estereótipos de quem é a pessoa bissexual, e muitas vezes eu não me vejo nesses estereótipos (Sae).

Aqui Sae expõe pontos já abordados anteriormente, como a estereotipia do que é ser bissexual, enfatizando a perda do sentido total da pessoa ao sobrepor apenas a sexualidade.

Lima (2014) relata que, na fenomenologia de Merleau-Ponty, o corpo não é ideia nem coisa, ele é sensibilidade, movimento e expressão. O corpo está associado à percepção, à linguagem, à arte, à experiência vivida, ao sensível e ao invisível, e apresenta-se como um fenômeno complexo, não se pode reduzi-lo à simples perspectiva de objeto ou fragmento de mundo.

Acho muito importante existir representatividade, mas as vezes parece que o personagem é só aquilo, parece que não retratam nada além daquilo, e eu sou além de ser uma mulher bissexual, então acredito ser muito importante isso também, saberem construir um personagem ou algo que vá além da sexualidade (Sae).

O discurso de Sae salienta que ela não deixa de notar a importância dessa representatividade, de ter um ponto de identificação, ainda assim traz uma crítica a como essas personagens são construídas e colocadas para expressar a bissexualidade no mundo e para o mundo. Sobre isto, Lírio destaca:

Eu acredito que influencia até no você poder falar dessa pauta, porque ainda é um tabu, e não deveria ser, as pessoas deveriam ser livres para expressar o que elas pensam [...] Ter uma pessoa gay, lésbica, ou seja o que for, em uma série ou filme, não vai determinar a vida de ninguém, mas faz a diferença para quem está



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

aqui, para que a gente se sinta representado, para que tenhamos uma identificação com aquela pessoa ali e sentir que não está sozinho (Lírio).

E Joplin:

Isso é uma coisa que a gente tem que tornar a mostrar para a sociedade que é natural, porque a pessoa não se torna, ela nasce assim (Joplin)

Lírio e Joplin enfatizam a importância da representatividade das bissexualidades como fator de influência que auxilia no processo de desvelação da orientação, esclarecimento de estigmas e tabus, que ainda colocam a bissexualidade na marginalização, e a naturalização das diversidades sexuais e da existência dessas pessoas no mundo. Compreendemos então que seria, não um tipo de explicação ou justificativa de como esse mundo é, mas sim uma descrição da nossa existência no mundo, as várias formas de ser-no-mundo que, como cita Alckmin (2016), precede as nossas teorizações e reflexões conscientes.

Essas representações, para além das mídias e cultura pop da contemporaneidade, podem se apresentar também no cotidiano, através das relações sociais, das interações, do reconhecimento do outro e da vivência do mundo que é dele, mas também é seu próprio. Como alude Lírio: “quando a gente anda com essas pessoas que são pessoas de diferentes gêneros e orientações sexuais, a gente pode falar sobre tudo ali.”

Nesse trecho Lírio relata o quão importante foi para si estar em convívio com outras pessoas com quem se identificou, com quem pôde trocar vivências, aprendendo ao mesmo tempo que ensinava, se encontrando através do outros.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Eu comecei a falar com amigas e amigos meus, começamos a “trocar figurinhas” e falar sobre relacionamentos, então eu não tive mais esse medo de contar para pessoas que eram próximas de mim [...] eles foram muito tranquilos e me acolheram muito, e isso faz toda a diferença, mas poderia ser diferente se eu tivesse um ciclo de amigos diferente, porém meus amigos me acolheram e foi incrível para mim (Lírio).

Alkimim (2016), com base na fenomenologia de Merleau-Ponty, afirma que para que possamos tentar compreender como as coisas são e funcionam, como elas se apresentam no mundo, se faz necessário primeiro buscar envolvimento com estas, portanto, neste ínterim, em primeiro lugar vem o viver, para, em segundo, vir o conhecimento dessa vida e desse mundo.

Alkimim (2016) relata que, para Merleau-Ponty, o significado do ser fenomenológico se origina partindo da própria experiência desse ser e, para essa situação, independente de uma experiência interna ou externa à consciência, porém que esteja subjacente à nossa maneira de interação e inserção no mundo. Nós estamos sujeitos a fatores exógenos e endógenos, segundo o filósofo, que compõem e fazem parte de nosso cotidiano, coexistindo através de um mesmo mundo existente pela relação recíproca de um para o outro.

Se as pessoas pudessem falar, porque hoje ainda tentam calar, ainda tentam fazer com que não falemos, muitas vezes nos chamam até de indecisas, nos invalidam, mas se pudéssemos falar mais sobre e tivéssemos uma identificação, as outras pessoas talvez conheceriam e saberiam do que se trata, e não seriam tão ignorantes, no real sentido da palavra (Lírio).

Ser bissexual e poder falar sobre isso, para mim, é ter liberdade, porque é eu não ter vergonha de mim mesma, de quem eu sou e do



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que eu mostro para as pessoas, eu não vou ser mais masculina ou feminina por contra disso, eu vou ser eu mesma, com meu jeito, com minhas manias, com meus medos (Joplin).

Nesse trecho Lírio e Joplin relatam acerca da influência da representatividade, do poder falar sobre e das possibilidades levantadas através do espaço de compreensão propiciado pela representação da bissexualidade. Longhitano e Bortolozzi (2022) salientam que cada vez mais o mundo tem sido exposto e, desta forma, lidado com o reconhecimento da diversidade sexual existente e, paralelamente, enfrentado com as situações de preconceito e discriminações. Desde modo, o uso da exposição para mostrar e informar o mundo a esse mundo, possibilitando espaços de reflexão e compreensão, se apresenta como proveitosa para as sexualidades dissidentes.

Por fim, Warmling (2016) destaca que, para Merleau-Ponty, a sexualidade não será mais do que ela mesma e nem fechada em si mesma, ela existe e é o ser por inteiro, a partir do filósofo francês, ninguém está inteiramente salvo ou perdido, uma vez que de um lado o corpo sexuado é estilo de nossa existência bem como abertura para o mundo, do outro ele é poder de significação e intencionalidade.

Sendo assim, a sexualidade é e será, dessa forma, a oportunidade de nos ambientarmos com a humanidade em seu drama mais geral: dependente e autônoma num só tempo.

Considerações Finais

Na percepção da fenomenologia estamos e somos no mundo de maneira concomitantemente, mundo no qual nós vivemos, nos realizamos e compreendemos, a partir do eu e do outro interagindo e se relacionando ao mesmo tempo. Nessa concepção, interpretamos a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

subjetividade do ser bissexual, da corporeidade, atrelada principalmente aos contextos sociais. Não se separa o mundo e o sujeito, estes não têm como mover-se separados da subjetividade e nem da intersubjetividade. Deste modo, à fenomenologia é atribuído o encargo de pensar neste ser-no-mundo e do mundo em seu contexto integral.

Assim sendo, através desta pesquisa realizada buscou-se compreender os sentidos e a pluridimensionalidade dos atravessamentos existenciais na vivência da bissexualidade nos discursos de mulheres sob a ótica de Maurice Merleau-Ponty, bem como explicitar as dimensões contemporâneas relativas à sexualidade, identidade sexual e orientação afetivo-sexual, desvelar os significados da bissexualidade e possíveis dimensões que a configuram na atualidade e, conseguinte, Investigar a percepção de mulheres bissexuais acerca dos cuidados em saúde mental.

Através dos discursos apresentados acerca dos processos de desvelamento da sexualidade identificamos os atravessamentos nos diversos âmbitos de existência dessas mulheres. Desde a gênese do sentimento, da dúvida à certeza de si e do seu próprio querer, do perceber-se através do olhar próprio para o outro, proporcionando o sentir antes da compreensão do que viria ser o movimento dessa construção de sua identidade sexual onde, infelizmente, emergiram obstáculos nas relações familiares e no convívio social.

As participantes expuseram o momento da descoberta de si enquanto bissexual, impulsionado por um desejo incompreensível para elas no começo, mas que já era entendido como não pertencente à esfera heterossexual. Conseqüente, os relatos também apresentaram o momento do “assumir” e as dificuldades acarretadas por este, o receio da conversa com a família, o acolhimento e não-acolhimento, receio da



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

rejeição e o desejo de compreensão, primeiro do corpo próprio para si, e então nas relações com pais e amigos(as) durante esse processo.

Apontou-se ainda as diversas maneiras de violências vivenciadas, desde a invalidação até invisibilidade, fetichização, confronto com estigmas, discriminação e preconceito que, em suas diversas faces, nos permitiu compreender os significados e os sentidos que as participantes adotaram para si no seu processo de aceitação e compreensão no que diz respeito a viver essa sexualidade e entender-se como uma mulher bissexual e os atravessamentos deste ser.

Vale frisar as questões de sofrimento que os bissexuais experienciam, física e psicologicamente, quando a sua existência é invalidada, principalmente levando em conta que, para além dos outros, até nos próprios movimentos sociais que, supostamente, deveriam acolher e lutar por si, encontram julgamento e invisibilização. Visto isso, observa-se que a sociedade ainda entende a bissexualidade como nada mais que uma fase, indecisão, empurram-na em um cabo de guerra dicotômico, onde tem que ser um outro, reafirmando o caráter da cis-heteronormatividade que, de maneira compulsória, impõe uma única forma de expressão da sexualidade, quando nós sabemos que, na verdade, esta é diversa em muitas dimensões.

Considerando os conteúdos descritos e problematizados nesta pesquisa, entendemos que as problemáticas da bifobia dizem respeito, não só a pessoa bi, mas sim a composição das outras sexualidades também, uma vez que pensamos uma identidade como ligada diretamente às relações estabelecidas, todo o tempo, com as outras identidades. Não deixando de enfatizar as relações sociais e familiares como facilitadoras dos espaços de pertencimento, compreensão, aprendizado e atitude, que em muito colaboram em questões de qualidade de vida e saúde mental.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Por fim, não podemos deixar de pontuar que, nas horas de pesquisas realizadas com a finalidade de embasamento e construção deste projeto, percebeu-se uma dificuldade em encontrar na literatura material relacionado às bissexualidades que, em comparação a outras orientações, mostrou-se pouco enfatizada. Muitas vezes mesclada a outras orientações, ou pouco citada, salientando assim a necessidade de mais pesquisas voltadas para este âmbito, para esse público, que colaborem com a informação, cuidado, visibilidade e compreensão acerca desses mundos vividos.

Referências

- Alberto, Joana Almoater (2018). Bissexualidade(s): crenças e opiniões. *Repositório digital de publicações científicas*. Psicologia da Educação. Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/23426>.
- Alkimin, Alexandre Flores (2016). A fenomenologia de Merleau-Ponty. *Pensar - Rev. Eletrônica da FAJE*. Vol. 07, N. 02, pp. 255-266. <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3652>.
- Amaral, Caroline Amaral; Ribeiro, Paula Regina Costa; Barros, Suzana da Conceição de (2021). Atravessamentos de gênero, sexualidade na psicologia: discutindo alguns acontecimentos. *Diversidade e Educação [online]*, v. 9, n. Especial. FURG, pp. 712-734. <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12734>.
- Barreira, Cristiano Roque Antunes. & Ranieri, Leandro Penna (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã. <https://repositorio.usp.br/item/002419411>.
- Brasil (2012a). *Conselho Nacional de Saúde*. Resolução nº 466/2012, de 12 de dezembro de 2012, Brasília, DF. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Brasil (2016b). *Conselho Nacional de Saúde*. Resolução nº 510/2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.

Cano, Marina Tedeschi & Brancaloni, Ana Paula Leivar (2021). Concepções de gênero e sexualidade de estudantes de psicologia. *Revista Multidebates [online]*, vol.05, n.03. Palmas: ITOP. <https://revista.faculdadeitop.edu.br/index.php/revista/article/view/460>.

Carvalho, Angelita Alves de, & Barreto, Rafael Chaves Vasconcelos (2021). A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019? *Ciência & Saúde Coletiva [online]*. Vol. 26, n. 09. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12002021>.

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019). O Método Fenomenológico e a Pesquisa em Psicologia da Saúde em Manaus/AM. In: Espíndula, Joelma Ana Gitiuerrez (Org.) *Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa – 1.ed.* – Boa Vista, RR: Editora UFRR.

Ciasca, Saulo Vito; Hercowitz, Andrea; Lopes Junior, Ademir (2021). *Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar*. 1ª ed. Santana de Parnaíba, SP: Manole.

Colling, Leandro (2018). Gênero. In: *Gênero e sexualidade na atualidade*. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Salvador: UFBA. pp. 09 – 39. Ebook. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30887>.

Conselho Federal de Psicologia (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: CFP. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>.

Davi, Edmar Henrique Dairell & Santana, Carolina Queiroz de (2021). Mundo-Vida de Mulheres Bissexuais: uma compreensão fenomenológica-existencial. *Revista Ciências Humanas*. Vol. 14, n. 25. Doi: 10.32813/2179-1120.2021.v14. n1.a710.

Façonha, Camille; Silva, Elisabete Gonçalves da; Meira, Janderson Costa; Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021). *Pessoas lgbtquia+ preconceito e superação: movimento para além da dor e do sofrimento sob o viés da Fenomenologia*. Vol. 08 N.02, jul-dez. Amazonas: UFAM. pp. 384-408.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/9125>.

- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo & Mattar, Cristine Monteiro (2014). O Método Fenomenológico na Filosofia e na Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]*. Vol. 30 n.04. Brasília. pp. 441-447. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/YPGVfdBZzVfsgXYKQtHyYcN/?format=pdf&lang=pt>.
- Ferreira, Carolina Fernandes & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2017). A Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de. *Fenomenologia e psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. 1ª ed. Curitiba: Appris.
- Giorgi, Amedeo & Sousa, Daniel (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa, Portugal: Fim do Século.
- Gagliotti, Daniel Augusto Mori & Hercowitz, Andrea (2021). Mulheres e Homens cis bi e pansexuais. In: Ciasca, Saulo Vito; Hercowitz, Andrea ; Lopes Junior, Ademir *Saúde LGBTQIA+*: práticas de cuidado transdisciplinar. 1ª ed. Santana de Parnaíba, SP: Manole.
- Hercowitz, Andrea; Morikawa, Márcia; Ciasca, Saulo Vito; Junior, Ademir Lopes (2021). Desenvolvimento da identidade de gênero. In: Ciasca, Saulo Vito; Hercowitz, Andrea ; Lopes Junior, Ademir. *Saúde LGBTQIA+*: práticas de cuidado transdisciplinar. 1ª ed. Santana de Parnaíba, SP: Manole.
- Jaeger, Melissa Bittencourt; Longuini, Geni Nuñez; Oliveira, João Manoel De; Toneli, Maria Juracy Figueiras (2019). Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. *Periódicus [online]* – Rev. de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades. Vol. 02, N.11. mai-out. pp. 01-16. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiódicus/article/view/28011>
- Klidzio, Danieli (2019). “Será que realmente existe isso?": reflexões acerca da bissexualidade e da panssexualidade femininas. *Repositório digital da UFSM*. Santa Maria. <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19897>.
- Lewis, Elizabeth Sara (2012). Eu quero meu direito como bissexual: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento lgbt e propostas para fomentar a sua aceitação. In: *III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS): Dilemas e Desafios na Contemporaneidade*. Anais do III Simpósio



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, Campinas.
https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS_ELIZABETH_SARA.pdf.

Lima, Antônio Balbino Marçal / org (2014). A relação do sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: *Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty* [online]. pp. 77-102. Ilhéus, BA: Editus.
<https://static.scielo.org/scielobooks/pcd44/pdf/lima-9788574554440.pdf>.

Longhitano, Bianca & Bortolozzi, Ana Cláudia (2022). Bissexualidade na pesquisa: estudo de revisão sistemática da literatura. *Rev. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Pemo* [online], [S. l.], v. 4. e49131. <https://doi.org/10.47149/pemo.v4.e49131>

Louro, Guacira Lopes (2014). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16ª ed. Petrópolis. RJ: Vozes.

Melo, Talita Graziela Reis, & Sobreira, Maura Vanessa Silva (2018). Identidade de gênero e orientação sexual: Perspectivas literárias. *Temas em Saúde* [online], vol.18 n.03. João Pessoa. pp. 381-404. <https://doi.org/10.29327/213319.18.3-21>.

Merleau-Ponty, Maurice (1999). *Fenomenologia da percepção*. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes.

Minayo, Maria Cecília De Souza (2015). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Oliveira, Carolina Iara de; Francisco, André Henrique dos Santos; Gonçalves, Marcelo Limão (2021). Identidades sexuais e de gênero e suas relações com a cultura. In: Ciasca, Saulo Vito; Hercowitz, Andrea ; Lopes Junior, Ademir. *Saúde LGBTQIA+:* práticas de cuidado transdisciplinar. 1ª ed. Santana de Parnaíba, SP: Manole.

Paula, Cristiane Cardoso; Padoin, Stela Maris de Melo; Terra, Marlene Gomes; Souza, Ívis Emília de Oliveira; Cabral, Ivone Evangelista (2014). Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. *Rev Bras Enferm* [online], vol. 67, n. 033. May-Jun. <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140063>.

Prodanov, Cleber Cristiano, & Freitas, Ernani Cesar de (2013).. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/291348/mod_resource/content/3/2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.

Souza, Ana Vitória Moreira De Souza, et al. (2022). As Consequências Psicológicas da Tentativa de Apagamento Social da Bissexualidade: um relato de pesquisa. *Rev. Cien. Gênero na Amazônia*. [online]. Seção C - relato de pesquisa. N. 21, jan./jun. Belém.

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13365>.

Silva, Isaura Caroline Abrantes, & Junior, Francisco Francinete Leite (2020). A Bissexualidade como incógnita e fragmentação normativa ligada a dicotomia hétero/homo: cartografando produções em ciências humanas e sociais. *Id on Line Rev. Mult. Psic.* Vol.14, N. 51 pp. 861-879.

<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2617>.

Trzan-Ávila, Alexandre (2019). *Identidade de Gênero: Performatividade, Ser-aí e Subversões*. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: IFEN.

Warmling, Diego Luiz (2016). O corpo e as três dimensões da sexualidade na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty. *Cadernos do PET Filosofia [online]*, [S. l.], vol. 07, n.13. Teresina: Edulfip. pp. 53-73.

<https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/2018>.

**Recebido em: 30.11.2022 Aceito em: 15.12.2023 Publicação:
01-01-2023**

Autores

Tayná Santos de Souza

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Nilton Lins (UNL).
Email: taynasantossouza1@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0805-3487>

Luziane Vitoriano da Costa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia/PPGPSI/UFAM. Docente da Universidade Nilton Lins/UNL. Psicóloga graduada pela Universidade Paulista/UNIP. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Vice-coordenadora científica da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LAPFE E-mail: luziane.costa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8374-9206>

Dacir Martins de Castro

Docente da Universidade Nilton Lins. Psicólogo na Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos (SEMASC) do Município de Manaus. Especialista em Tutoria e Docência em Educação a Distância e em Didática do Ensino Superior pela Universidade Nilton Lins. Psicólogo graduado pela Universidade Nilton Lins. E-mail: dacir.martins@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5170-6746>

Gabriel Vitor Melo Rocha

Mestrando pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM em Processos Psicológicos e Saúde. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Tutor da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial - LAPFE. E-mail: gabrielvitor.mr@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2803-4726>